

O MODELO PEDAGÓGICO INACIANO ¹

Antonio Spadaro, S.J.

As instituições educativas e formativas da Companhia de Jesus, desde a sua origem na metade do século XVI, pretenderam ser lugares de elaboração de uma cultura humanística e cristã. A *Ratio Studiorum* nasce num momento de grandes mudanças históricas: o mundo novo e as descobertas científicas tinham ampliado de modo significativo os horizontes das dimensões espaciais e temporais que implicavam uma nova imagem do homem. O valor da pessoa humana se encontrava com novos desafios históricos.

Mudanças de grande vulto se realizavam também no campo religioso: a reforma luterana, ao ressoar em toda a Europa havia estimulado um processo de análise que encontraria sua resposta no Concílio de Trento. A *Ratio* nasce precisamente como metodologia pedagógica destinada a responder às muitas exigências emergentes a plano humano e religioso do tempo. A sua novidade reside na síntese antropológica e teológica, mediante a qual, a dimensão humana e cristã, colocadas em crise pelo clima cultural, pode restabelecer-se como componente unitário do crente.

A multiplicação dos colégios jesuítas desde os primeiros anos da sua fundação como ordem religiosa, é um sintoma da difusão que havia alcançado as expectativas neste campo. Em meados do século XVI abrem-se as primeiras escolas públicas da nova Ordem. A *Ratio Studiorum do Colégio Romano* aparece em 1558. Sobre este primeiro texto faz-se a experiência de campo, que em pouco mais de 40 anos, conduz à elaboração de um tratado educativo suficientemente unificado e comum, ao qual se fazem acréscimos sucessivos até a edição definitiva em 1599.

A tradição pedagógica da Companhia se enriqueceu e desenvolveu com o passar do tempo ² Nos últimos 20 anos acentuou-se progressivamente a exigência de melhor definição da *Pedagogia Inaciana*, adaptada aos nossos dias ³.

¹ Publicado em *La Civiltà Cattolica*, n.3.760, de 17/02/2007. Trad. Luiz Fernando Klein.

² Em 1986 foi publicado um documento, fruto de quatro anos de encontros e consultas internacionais, *Características da Educação da Companhia de Jesus*. In: Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2932>

³ *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*. In: Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2933>

Obviamente, no decurso dos séculos, alguns métodos específicos elaborados cientificamente por outros educadores, foram adotados pela pedagogia inaciana na medida em que podiam contribuir para o alcance das próprias finalidades. *É característica constante da pedagogia inaciana a incorporação sistemática dos métodos hauridos de diversas fontes, que podem contribuir melhor para a formação integral, intelectual, social, moral e religiosa da pessoa* (PI,8). Aqui trataremos de expor brevemente e de maneira introdutória, os elementos fundamentais desta pedagogia, que nasce como destilação de uma forte e sólida experiência espiritual ⁴.

A tarefa educativa

Para compreender o modelo pedagógico inaciano, é necessário esclarecer o conceito de 'educação' que propõe. A categoria fundamental é a de acompanhamento. A educação, de fato, vem entendida *como o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento e desenvolvimento dos seus alunos. A pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Isto indica o objetivo e fim para o qual se orientam os diversos aspectos duma tradição educativa. Também proporciona os critérios para a seleção dos recursos a serem usados no processo da Educação* (PI,11).

A educação não pode entender-se senão como uma forma de acompanhamento. A sua meta é a consecução do desenvolvimento intelectual (mas não só isso) do aluno, para que ele valorize ao máximo os seus talentos. Não visa, principalmente, a acumulação de um conjunto de conhecimentos ou a preparação imediata para uma profissão, embora esta seja útil e importante. A meta última da educação é o crescimento pleno da pessoa que em seguida a impulsará para a ação, quer dizer, à iniciativa (PI,12). O objetivo não pode ser diretamente utilitário e prático.

Contudo, uma visão dinâmica e otimista da vivência escolar pode muitas vezes chocar-se com o 'mal da escola'. Giovanni Papini, que tinha definido o ensino como *manipulação dissecante e uniforme*, esclarecia, com palavras sarcásticas, o seu convite a fechar as escolas:

Outras leituras aconselhadas: B. Pardonnat: *Enseigner et apprendre selon la Pédagogie des Jésuites*, Paris, CEF, 1996, *What makes a Jesuit High School Jesuit?* Chicago, Loyola Press, 2000, R. Carmagnani e O. *Un Paradigma Didattico per la scuola che cambia. Una sfida educative per el terzo millenio*. Milano, Principato, 2006.

⁴ Schiavone, Pietro. *Quem pode viver sem afetos? A pedagogia inaciana do 'sentir' e do 'saborear'*. S. Paulo, Ed. Loyola, 2009.

Nas escolas encontramos a reclusão cotidiana em salas cheias de poeira e miasmas, a imobilidade física mais antinatural, a imobilidade do espírito obrigado a repetir em vez de buscar, o esforço desastroso para aprender com métodos imbecis muitíssimas coisas inúteis, o afogamento sistemático de toda a personalidade, originalidade e iniciativa no mar negro dos programas uniformes [...]. Qualquer um que tenha passado pelas etapas regulares de uma educação clássica e não tenha se tornado estúpido, pode se vangloriar de ter conseguido escapar ⁵.

Toda experiência pedagógica tem na base um modelo explícito ou oculto de referência. Que modelo sustenta o tipo de educação estigmatizado por Papini? O modelo do vaso vazio. A água passa de um vaso para outro e o que muda, a novidade, é apenas aparente: a forma diversa do vaso.

Uma educação entendida como aquisição de conhecimentos acumulados, mediante lições e demonstrações continua sendo um modelo de comunicação que não funciona. De fato, neste caso os alunos escutam uma lição apresentada com clareza e perfeitamente explicada, e o professor pede aos alunos que mostrem terem assimilado o que acaba de ser explicado. Deste modo, o professor acaba assumindo o papel mais ativo do que o aluno.

Do ponto de vista da pedagogia inaciona, este modelo se revela claramente insuficiente. Considera, de fato, a educação como uma forma de interação dinâmica e não de pura interiorização ⁶. *O crescimento na maturidade e na independência, indispensáveis para crescer na liberdade, requer uma participação ativa, mais do que uma aceitação passiva [...]. A tarefa do professor é ajudar todo estudante a converter-se num sujeito que aprende de maneira independente e que vai assumindo a responsabilidade da sua educação ⁷.*

A experiência da aprendizagem, portanto, deve ir além dos conhecimentos adquiridos de memória e desenvolver métodos de estudo mais complexos, que impliquem análise, síntese, compreensão, aplicação, avaliação.

Contexto

Nas contemplações que Santo Inácio propõe nos seus *Exercícios Espirituais*, é fundamental *recordar a história* (n.102), os

⁵ G. Papini, *Chiudiamo le scuole*. Viterbo, 1992.

⁶ A. Spadaro, *La letteratura come immersione interattiva. Tra Esercizi Spirituali e Realtà Virtuale*. In *Civiltà Cattolica*, 2004 II 37-49, ibd, 2006 IV 20-33.

⁷ *Características da Educação da Companhia de Jesus*, Op. Cit., n.45.

acontecimentos, o contexto do mistério da salvação que se está contemplando ⁸. Do mesmo modo, isto é necessário no trabalho pedagógico: o plano histórico é aquele que é vivido, aquele do homem e da sua vida. Na educação deve-se partir do contexto real no qual se desenvolve a vida de quem aprende. Este contexto deve ser entendido como uma situação a ser interpretada (através de uma fórmula matemática ou forma de expressão poética ou lei biológica...). Este é o *com-texto*, o tecido entrelaçado da vida que opera profundamente no crescimento da pessoa.

O ponto de partida concreto para uma reflexão sobre o modelo pedagógico que devemos aplicar, deve, portanto, começar por esta pergunta: Quem encontramos na escola? Que imagem temos de nossos alunos? Ítalo Calvino nas suas *Lições Americanas* escreveu: *O que é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um coleção de objetos, um mostruário de estilos, onde tudo pode ser continuamente mesclado e reordenado de todos os modos possíveis* ⁹.

Difícilmente se poderia aceitar esta expressão caso ela fosse entendida no sentido de que nós somos *apenas* um *combinatório*. Contudo, ela traz à luz a complexidade que implica tudo aquilo que é conhecimento prévio e pessoal dos alunos: *Os seus pontos de vista e os conceitos que possam ter adquirido em aprendizagens anteriores, ou ter captado espontaneamente do seu ambiente cultural, bem como os sentimentos, atitudes e valores que dizem respeito à matéria que vão estudar, tudo isto faz parte do contexto real do ensino* (PI,41).

A primeira atividade do docente, portando, é a de um conhecimento prévio das experiências que fundamentam o imaginário e as habilidades dos alunos. Os alunos não são *tabula rasa*. Alguns defendem que quem começa a estudar, por exemplo, literatura, possua competências linguísticas, mas pode carecer totalmente de competências estéticas. Pelo contrário, as competências estéticas *difusas* dos alunos (adquiridas nos gibis, publicidades, cinema, canções, internet, etc.) podem tornar-se ótimos recursos sobre os quais o professor tem obrigação de intervir, reservando a cada uma o espaço adequado. E cada um tem o seu modo de aprender (visível, auditivo, tátil...). É necessário compreender os vários estilos que não

⁸ Cfr. nosso *Gli a'occhi della immaginazione' negli Esercizi di Ignazio di Loyola*, in *Rassegna di Teologia* 35 (1994) 687-712.

⁹ I. Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Companhia das Letras, 1990.

poderão, obviamente, coincidir todos com o do próprio professor, e adaptar a eles o ensino ¹⁰.

Experiência

Tomás de Aquino afirma que *das duas maneiras de adquirir a ciência, a descoberta pessoal (inveniendo) e a aprendizagem (addiscendo), o primeiro é o principal e o outro secundário* ¹¹. A primeira reflexão emerge espontânea e se refere à importância da experiência pessoal no processo de aprendizagem. Experimentar significa entrar no mundo, na história, nos acontecimentos, nos fatos, saboreando a doçura ou o amargor com todos os sentidos, de modo *estético*. Conhecer a vida, lê-la e entendê-la não é suficiente. Inácio de Loyola sempre teve presente na sua espiritualidade, um homem que reage diante de tudo afetivamente. Uma vez sentirá *dor, sentimento, confusão, esforçar-me... entristecer e chorar, abatimento, pena interior*. Outras vezes, ao contrário, chegará a sentir intensa e profunda alegria: são todas expressões que lemos nos seus *Exercícios* ¹².

Neste sentido, a matéria de estudo pode entrar em uma relação vital com o aluno, no momento em que se desencadeia uma simpatia, uma empatia ou uma antipatia frente ao que essa vivência expressa, e como a expressa. O termo *experiência se utiliza para descrever qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo* (PI,43). Toda a pessoa se sente afetada: memória, inteligência, vontade, sentimentos, imaginação. Somente deste modo é possível tornar-se *peritus* (de *experior*) numa matéria.

A experiência de todos os dias coloca o homem diante de situações das quais nem sempre é fácil captar a sua rica complexidade. As faces da realidade são várias e múltiplas, claras por um lado e obscuras por outro, imediatas quanto à sua mensagem, mas

¹⁰ Um elemento decisivo do contexto é também o clima da escola. Deverá ser uma imagem da casa, que é o lugar onde se vive junto: os papéis são diversos, mas as relações se baseiam na confiança e na reciprocidade. Um aspecto não considerado plenamente na vida escolar é o fato de que a escola é um ambiente, um ecossistema: está composta de geometrias fixas, de tempos marcados, de relações entre organismos vivos que, entre outras coisas, têm uma corporeidade, da qual, de um modo ou de outro, deve estar comprometida, pelo fato de fazer parte integrante do processo de aprendizagem. *O ambiente geral do colégio pode muito bem ser a condição prévia e necessária para que uma educação de valores possa até mesmo chegar a começar* (PI,40).

¹¹ *Suma Theologica*, III, q.9, a.4.

¹² *Exercícios Espirituais*, nn. 193, 195, 203, 221.

também ambíguas quanto à sua leitura. A educação consiste precisamente num acompanhamento capaz de conduzir à experiência plena da realidade ¹³. E isto vai contra tudo aquilo que, ao contrário, a relega à formação a uma ideia (ou pior, a uma ideologia), ou à pura reflexão sobre conceitos abstratos carente de implicação afetiva.

O jovem descobre que está fundamentalmente afetado pela realidade que o circunda. É preciso uma pedagogia atenta que o ajude a escutar-se, a escutar as próprias *ressonâncias* provocadas por um contato vital. A ressonância é um fenômeno da consciência, e a consciência é, com a realidade, o centro para onde convergem todas as faculdades do homem. A ressonância incide na afetividade do ser humano, mas implica também a inteligência, a vontade, os sentidos, a fantasia, a memória.

Compreende-se como na tarefa educativa é importante libertar os alunos diante das suas reações emotivo-afetivas com relação à matéria ou ao tema do estudo, fazendo com que o jovem possa dizer com liberdade e autenticidade: [isto] me agrada, não me agrada, é-me indiferente...e, assim, possa manifestar as próprias ressonâncias.

O termo *experiência* é, por conseguinte, utilizado na pedagogia inacioniana para descrever toda atividade na qual, além da aprovação intelectual da matéria objeto de estudo, se percebe uma sensação de natureza afetiva. Daqui se poderá partir para a pesquisa do por quê. Um dos objetivos fundamentais a ser alcançado no decurso de um processo educativo de tipo inacioniano é descobrir o que se ama e se quer.

Reflexão

O termo *reflexão* indica a reconsideração atenta de uma disciplina, de uma experiência, de uma ideia, de um projeto ou de uma reação espontânea, com o objetivo de captar melhor o significado. A reflexão é, então, o procedimento mediante o qual emerge o significado da experiência humana. Este significado emerge: compreendendo mais claramente a verdade que se estuda, compreendendo a origem das sensações ou das reações que experimentei, aprofundando a minha compreensão daquilo que implica para mim ou para os outros o que aprendi, fazendo nascer pontos de vista pessoais sobre fatos, sobre ideias, sobre verdades ou distorções da verdade, e assim por diante (PI,49-54).

¹³ Cfr. nosso *Alle radici della pedagogia dei gesuiti: il rapporto dell'uomo con il mondo e la storia alla luce della spiritualità di Ignazio di Loyola*. In: Guerello e P. Schiavone (eds.). *La pedagogia della Compagnia di Gesù*. Atti del Convegno Internazionale. Messina 14-16 novembre 1991, Messina, Esur, 1992, 579-88.

A reflexão é sempre um *exercício espiritual*. O termo exercício implica, entre outras coisas, a atividade física. Contudo deve-se distinguir o exercício físico *ginástica* que exige técnica em algum aspecto parcial, e *esporte* que inclui a expressividade. A *Ratio*, mas ainda antes dela, os *Exercícios Espirituais* assumem estes dois campos associados, gerando o critério de uma liberdade inteligente com leis dirigidas em relação ao valor servido pela própria liberdade: o fim não é o tecnicismo, mas proceder sabendo o que se busca e como se busca.

Por conseguinte, a implicação emotiva e afetiva não é alheia à dimensão cognoscitiva. Antes, provoca-a, sugerindo perguntas e estimulando a examinar elementos e relações. O aluno se pergunta: O que é isto? É semelhante a algo que já conheço? Como funciona? Neste sentido podemos falar significativamente de uma *pedagogia da pergunta*. É, portanto, conveniente dedicar esforço e tempo para estudar e praticar um repertório de perguntas úteis para estimular o pensamento criativo e a reflexão. Sobre a base da experiência pessoal convém *com a inteligência, examinar o assunto mais em particular* (EE n.50).

Para Inácio de Loyola, *discernir* significa esclarecer as motivações internas e as razões que estão detrás dos juízos, avaliar as causas e as implicações da experiência, sopesar as possíveis opções à luz das suas prováveis consequências, descobrir aquilo que melhor conduz para o fim desejado. Neste nível da memória, a inteligência, a imaginação e os sentimentos intervêm para captar o significado e o valor essencial daquilo que se está estudando, para descobrir as suas mútuas relações com os outros aspectos do saber e da atividade humana. Encontramos num processo de formação e libertação que forma a consciência dos alunos (convicções, valores, comportamentos e modos de pensar) de tal modo que eles sejam induzidos a ir além do conhecimento e a se comprometerem na ação (PI,48). Reflexionar, portanto, significa reconsiderar atentamente uma disciplina, uma experiência, uma ideia, um projeto ou uma reação espontânea, com o fim de captar melhor o seu significado.

Ação

Se não existe aprendizado sem ação, tampouco há ação sem motivação. Enquanto possível, o estudo deveria ser agradável, em si mesmo ou nas suas condições externas. A *'tarefa' universitária* - escreveu A. Gnisci numa espécie de depoimento - *fez-me compreender que se se consegue, através da própria disciplina, mover, interessar e provocar a inteligência e o entusiasmo de um jovem, ter-se-á dado um passo importante no progresso da ciência tão*

válido quanto qualquer 'descoberta' puramente erudita e livresca. E mais ainda, mudamos uma juventude epistêmica em prática, o que significa força e capacidade de projeção, de querer e de produzir novidade e mudança, crescimento e surpresa para si mesmo ¹⁴.

Os significados, as atitudes, os valores interiorizados são parte da pessoa e estimulam o aluno a agir, a fazer algo que esteja de acordo com esta nova convicção. Quando uma pessoa interiorizou valores e decisões, atitudes e gostos, se sentirá impelida a comportar-se de modo consequente por meio de decisões operativas. Se uma pessoa interiorizou uma atitude de serviço, tratará de expressá-la numa atividade de voluntariado. Se uma pessoa interiorizou o gosto pela leitura de um autor, começará a ler todas as suas obras.

Aprende-se realmente quando se aprende com espírito de descobridor. Se se implanta a prática de transformar a classe numa comunidade reflexiva que *pensa* as disciplinas, refletindo sobre o próprio modo de pensar, poder-se-ão formar pessoas empenhadas na exploração e na criatividade ¹⁵ e, portanto, capazes de *agir* – permitam-me a expressão – a disciplina na qual estão empenhados, não como expectadores diante dos quais passam conteúdos que não dizem nada para a sua experiência e reflexão, mas como atores protagonistas, capazes e hábeis para tomar decisões.

Em tal ambiente, é preciso considerar o trabalho de grupo como meio de socialização, de colaboração, de superação de comportamentos competitivos, e como ocasião necessária para que cada um se compare com os outros, encontrando a possibilidade de realizar-se no âmbito das próprias capacidades, do próprio talento e responsabilidade.

Isto vale também para os professores, convidados a colaborar graças ao conhecimento e ao confronto dos programas relativos e à verificação periódica do trabalho realizado. O modelo mais eficaz é aquele que considera a classe como *pequena comunidade de pesquisa, onde pesquisa*, no sentido de exploração autocorretiva das questões consideradas importantes e problemáticas.

Avaliação

O trabalho desenvolvido deve ser cuidadosamente avaliado. Não é possível ir da ação para uma nova experiência sem passar pela avaliação. Trata-se de tomar consciência do trabalho feito, do que não foi feito e do que ainda está por fazer. Trata-se de uma etapa delicada

¹⁴ A. Gnisci. *Noialtri europei*. Roma, Bulzoni, 1991,9.

¹⁵ Cf. M. Lipman. *Educare al pensiero*, Milano, Vita & Pensiero, 2005.

e difícil. As provas podem ser várias: escritas, orais, globais. Em qualquer caso, não é possível avaliar adequadamente sem considerar seja o ponto de partida do aluno e o objetivo previsto, com uma atenta observação do seu comportamento. Um instrumento muito eficaz é a autoavaliação dos alunos, com instrumentos adaptados que os professores podem fornecer.

Deixemos claro que quando se fala de avaliação, incluem-se também a que os alunos podem fazer sobre o curso ou sobre os assuntos tratados e sobre o modo de trata-los. Notemos que é necessário enfrentar as tarefas, seja da avaliação, seja do rendimento geral da escola (que requer sempre uma presença externa à própria escola), como da profissionalização de cada professor. Mas isto exige um tratamento específico. Aqui nos limitamos a recordar que o perigo sempre presente é o de permanecer fincado nas estruturas e métodos que já tiveram o seu tempo, sem captar as mudanças ocorridas na mentalidade, no desenvolvimento social ou industrial, na evolução das consciências da humanidade. Somente uma atenta avaliação pode evitar que a pedagogia se deixe levar pela moda, ou que se apegue a uma orgulhosa repulsa a toda mudança, sem levar em consideração o que acontece no mundo.

Urge uma reflexão sobre visões e conteúdos

A visão que a pedagogia inaciana propõe é fascinante. Ela apresenta a tarefa educativa como um modo de ajudar as pessoas a *ver* e a *viver* o mundo por meio do estudo. A pergunta para o professor é a seguinte: Porque tenho uma *missão* relacionada com o modo de ver e conceber o mundo e a história, qual é a minha visão do mundo e da história? E mais: De qual visão sou testemunha e mediador? As perguntas parecem muito comprometedoras, mas em realidade têm uma resposta muito concreta. Ajudar alguém a ter uma visão da vida, do mundo e da história significa oferecer-lhe método e conteúdos (valores, visões, dados...). Os dois elementos são coessenciais.

Isto significa algo muito preciso: uma escola que o seja de verdade, não pode se limitar a oferecer um bom *método* de estudo e de ensino: deve manifestar adequadamente as visões e, portanto, sobre os *conteúdos* que se transmitem com os métodos. O ensino nunca é algo neutro: não é a mera combinação de métodos capazes de criar no aluno uma visão própria do mundo. Ainda que quiséssemos tentar este caminho, sabemos muito bem que as perguntas formuladas são sempre apresentadas *ideologicamente*.

O professor não é apenas um 'expert' em didática, mas também (e sobretudo) um mestre e uma testemunha, ou seja, um *professor*

(alguém que precisamente *professa*). Donde se deduz que se se confrontam somente métodos e conteúdos, cumpre-se apenas metade do trabalho. O professor jamais é neutro naquilo que ensina, nem pode ser somente uma fonte de informação. Pelo contrário, o seu método de ensino nasce da sua visão do mundo e da vida.

Este é o ponto: educar significa acompanhar uma pessoa a fazer a experiência da realidade em seu conjunto, a adquirir uma visão ampla e profunda do significado desta realidade, e um desejo de atuar ativa e criativamente sobre ela. Quando nos referimos a um contexto especificamente cristão (uma escola católica e um professor que vive a sua fé), qual é a diferença de visão? Certamente não bastaria que se defenda, quanto possível, a ação histórica da Igreja, nem que se leiam escritores ou pensadores cristãos. Nem seria suficiente adquirir valores como a justiça e o engajamento social. A verdadeira diferença consiste em que o professor vê o destino eterno do ou da jovem diante dele, intuindo a sua vocação no âmbito da criação que *geme e sofre dores de parto* (Rom 8,22). Uma coisa é educar um jovem sabendo que o seu destino é a morte, outra é educá-lo para um destino que se firma em Deus.

De qualquer modo, as *visões* são sempre abstratas e gerais. Na escola elas se encarnam no ensino das disciplinas, em *matérias* muito concretas. O modelo inaciano *exige a inserção do tratamento de valores e o crescimento pessoal, dentro do currículo existente, mais do que acrescentamos de cursos específicos* (PI,4), ou seja, no currículo ordinário ¹⁶. Falar de educação escolar sem referir-se a cada uma das disciplinas (letras, matemática, história, geografia...) não seria um caminho acertado. Porque a verdadeira tentação para um cristão comprometido com a escola como professor ou formador, especialmente quando se trata de uma instituição católica, poderia ser a de considerar o seu empenho como cristão como algo paralelo ao seu trabalho; do mesmo modo seria uma tentação considerar a formação cristã de um jovem algo extrínseco ao seu esforço de estudar matemática, italiano ou a história da arte.

As próprias matérias de estudo são educativas: métodos e estratégias não podem ser os mesmos para todas as disciplinas. É preciso, portanto, imaginar uma escola que tenha não só um bom método didático, mas também que ofereça conteúdos e visões. É

¹⁶ Temos tratado de dar uma explicação literária em nosso artigo *Didattica creativa e educazione letteraria. Un approccio comparatistico*. In: *Civiltà Cattolica* 1994 III 391-4-4. Nele temos repetido alguns conceitos. Para uma aplicação filosófica resulta muito útil: S. Bongiovanni, *Didattica e filosofia all'ascolto degli Esercizi spirituali*. In: *Rassegna di Teologia* 44 (2003) 49-75.

possível *dar aula* se têm coisas para dizer, conteúdos, perspectivas sobre a realidade, sobre a ciência, sobre a literatura, sobre a filosofia, sobre a história... Uma boa estratégia didática não pode ser suficiente. A escola, na realidade, deveria ser não um lugar de simples transmissão, mas também de pesquisa e de produção de cultura, um lugar de elaboração cultural.

Por isso, resulta muito importante também uma adequada seleção dos livros de texto. Não obstante o fato de que se deve lutar para que a educação escolar não se transforme num penoso manejo de manuais, é claro que cada livro de texto veicula ideias, quadros mentais, afirmações e interpretações. Uma escola que seja lugar de cultura, não pode prescindir de uma correta avaliação deste dado. Isto não significa que se deva selecionar os textos de modo unicamente *ideológico*. Mas também seria errado considerar os textos apenas com critérios ideológicos. Mas também seria equivocado considerar os manuais como instrumentos *neutros*. Devemos ser conscientes da visão dos fatos e do mundo que comunicam.

O modelo e o estilo pedagógico inaciono, que se articula em pelo menos cinco momentos chaves (contexto, experiência, reflexão, ação, avaliação), permite compreender como uma educação limitada à mera *transmissão cultural*, termina por ficar obsoleta. A *tradição* da cultura necessita de um contexto vital e de crescimento, senão viria a ser somente num exercício mnemônico, destinado a perder-se rapidamente. Em alguns casos, pode ser colocada imediatamente em prática. O estímulo à produção é um caminho eficaz para a aprendizagem e a transmissão do conhecimento: aprende-se muito fazendo aquilo que se deve aprender. O melhor modo para aprender o que é uma poesia é tratar de compor uma. O melhor modo para aprender uma programação no campo da informática, é alicerçar-se na composição de um programa; e assim por diante.

Os critérios para o crescimento estão inevitavelmente fundamentados em valores, porque todo ensino comunica valores. Temos, portanto, necessidade de uma educação que atraia a atenção dos jovens sobre a intrincada rede de valores muitas vezes sutilmente camuflados da vida moderna, para poderem examiná-los, avaliá-los, aceitá-los ou recusá-los livremente, com verdadeiro conhecimento de causa (PI,79-81). A escola está chamada a ser um verdadeiro centro cultural com valores formativos.

Sentir e saborear as coisas internamente

O Pe. Peter-Hans Kolvenbach, Preósito Geral da Companhia de Jesus, num discurso aos educadores, recordou que *no decorrer do seu ensino secundário, os jovens, eles e elas, têm liberdade para ouvir e*

explorar (no campo das idéias). Mas não se sentem imersos no mundo. Preocupam-se com as questões profundas, com os "por quê" e "para quê" da vida. Podem sonhar sonhos irrealizáveis e sentir-se atraídos por visões do que poderia ser. A Companhia destinou muitas pessoas e recursos aos alunos do curso secundário, precisamente por terem os olhos postos nas fontes da vida, em algo que ultrapassa "os mais altos níveis acadêmicos. Não há dúvida de que qualquer professor merecedor de tal nome deva ter fé em seus alunos e deseje 96 animá-los na procura de ideais elevados ¹⁷.

Apoiando-se nesta abertura e disponibilidade, o modelo proposto pela pedagogia inaciana pressupõe que o fim mais importante da educação não é precisamente a *aprendizagem*, mas a *exploração*. A primeira leva a aprender dados, conteúdos culturais, a segunda vai na direção contrária: conduz à *apropriação* da cultura por parte do estudante ¹⁸. O fim é sempre a formação da pessoa dotada de uma visão da vida elaborada pessoalmente ¹⁹. Um lema chave deve ser o que Santo Inácio coloca no início dos seus *Exercícios Espirituais: Não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente* (EE n.2).

A educação inaciana tem, portanto, como resultado final uma transformação radical, não só do modo como habitualmente se pensa e se age, mas também do modo como os homens e as mulheres, dotados de competência, de consciência e de amor, vivem no mundo (PI,19) ²⁰. Tudo isto tem relação com a vida. Um ensino que não se relacione com tudo o que torna a vida feliz e digna de ser vivida, isto é, à altura dos próprios desejos, não seria digna deste nome. A educação será sempre um desafio, certamente, mas sem o qual não existiria mais futuro.

¹⁷ Discurso aos participantes do Seminário Internacional 'Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática', Villa Cavalletti, 29 de abril de 1993.

¹⁸ Cfr. P. Angers e C. Bouchar. *L'auto-appropriazione*, ed. N. Spaccapelo, Bolonha, Edb, 1993. O método divulgado no volume baseia-se na hipótese da consciência intencional segundo o 'método geral' ilustrado pelo jesuíta Bernard Lonergan, que integra num processo único as quatro operações fundamentais da consciência: experimentar, compreender, julgar e decidir.

¹⁹ *Características da Educação da Companhia de Jesus*, Op. Cit. n.32.

²⁰ Obviamente a pedagogia inaciana não se serve da escola como âmbito de aplicação. Adapta-se a todos os contextos educativos. Por exemplo, para uma recente aplicação ao campo da escrita criativa cfr. <http://www.bombacarta.com>